



PARA DESCOLONIZAR A GEOPOLÍTICA a partir da fronteira Sul do México¹

TO DECOLONIZE GEOPOLITICS from the Southern border of Mexico

PARA DESCOLONIZAR LA GEOPOLÍTICA desde la frontera Sur de México

Tiago Osiro Linhar², Heriberto Ruiz Ponce³ & Edgar César Nolasco⁴

RESUMO: Com base nas perspectivas dos estudos descoloniais e da teorização da crítica biográfica fronteiriça, o presente trabalho toma a atuação dos agentes migratórios do estado

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/MEC - Brasil; assim como da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2962-4645>. Email tiagooliar@hotmail.com.

³ Profesor Investigador de Tiempo Completo en el Instituto de Investigaciones Sociológicas (IISUABJO) de la Universidad Autónoma “Benito Juárez” de Oaxaca, adscrito al Cuerpo Académico de Estudios Políticos. Fue coordinador de la región Sur-Sureste del Consejo Mexicano de Ciencias Sociales COMECSO (2016-2019). Actualmente te es director del IISUABJO (2021-2024). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3539-6677>. Email: direccion@iisuabjo.edu.mx; hruponce@iisuabjo.edu.mx.

⁴ Doutor em Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Professor da graduação em Letras e do PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Letras), da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Líder do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) e editor chefe do periódico *Cadernos de Estudos Culturais*. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: edgar.nolasco@ufms.br ou ecnolasco@uol.com.br.

mexicano de Chiapas como o ponto de partida para discutir o funcionamento da geopolítica na atualidade. Para tanto, o texto afirma que existe uma relação muito estreita entre o racismo e as articulações geopolíticas adotadas pelo imperialismo. Em uma palavra defendemos que a geopolítica, tal como começou a ser estruturada no século XIX pela Grã Bretanha e desembocou no que conhecemos hoje com a atuação dos Estados Unidos, só foi ou é possível propulsada por sentimentos racistas. Portanto, faz-se necessário descolonizar a geopolítica a qual está imersa a uma compreensão racista (ou dualista) de mundo.

Palavras-chave: Racismo; geopolítica; descolonial; Chiapas.

ABSTRACT: Based on the perspectives of decolonial studies and theorization of border biographical criticism, this paper takes the actions of migratory agents in the Mexican state of Chiapas as the starting point to discuss the functioning of geopolitics today. To this end, the text states that there is a very close relationship between racism and the geopolitical articulations adopted by imperialism. In a word, we defend that geopolitics as it began to be structured in the 19th century by Great Britain and ended up in what we know today with the action of the United States, was only or is possible propelled by racist feelings. Therefore, it is necessary to decolonize geopolitics, which is immersed in a racist (or dualistic) understanding of the world.

Keywords: Racism; geopolitics; decolonial; Chiapas.

160

RESUMEN: A partir de las perspectivas de los estudios decoloniales y la teorización de la crítica biográfica fronteriza, este trabajo toma como punto de partida la actuación de los agentes migratorios del estado mexicano de Chiapas para discutir el funcionamiento de la geopolítica en la actualidad. Para ello, el texto afirma que existe una relación muy estrecha entre el racismo y las articulaciones geopolíticas adoptadas por el imperialismo. En una palabra, defendemos que la geopolítica, tal como comenzó a estructurarse en el siglo XIX por Gran Bretaña y terminó en lo que hoy conocemos con la acción de los Estados Unidos, sólo fue o es posible impulsada por sentimientos racistas. Por tanto, es necesario descolonizar la geopolítica, que está inmersa en una comprensión racista (o dualista) del mundo.

Palabras clave: Racismo; geopolítica; decolonial; Chiapas.

INTRODUÇÃO

Se trata entonces de tomar en serio al espacio, al espacio geopolítico. No es lo mismo nacer en el Polo Norte o en Chiapas que en New York.

DUSSEL. *Filosofia de la liberación*, p. 14.

Em determinado contexto, nascer em Chiapas parece ser um privilégio, ou pelo menos ter alguma vantagem. O estado que compreende o extremo Sul do México é uma das passagens obrigatórias para os indocumentados que, por infortúnio, nasceram em horizontes desfavoráveis, do lado errado de um muro que demarca os limites entre centro e periferia. Desse modo, a geopolítica exprime a única certeza que temos na vida, não a da morte, mas sim, a de que nascer é correr um risco.

“Anseio por saber o que a terra prometida tem a me oferecer”. Confidenciou-me um jovem venezuelano (referindo-se obviamente aos EUA) em suas últimas horas de cárcere migratório na cidade de Tuxtla – Gutierrez, Chiapas. Foi na condição de cárcere também que ouvi suas palavras e compartilhei dos anseios e incertezas que contagiavam aquele espaço cuja melhor definição seria uma síntese da turbulenta geopolítica. Descrevo em breves linhas, o que pude observar em uma penitenciária encarregada de confinar migrantes de diversas partes do mundo. Mas antes vale uma explicação de como me tornei um dos internos.

Cabe aqui a defesa que mal pude exercer perante as autoridades mexicanas no momento da minha prisão. Estive no México entre setembro de 2022 e março de 2023, com fomento para pesquisadores disponibilizado por um programa de doutorado sanduíche. A fim de realizar investigações de cunho fronteiriço, desloquei-me de Chihuahua, fronteiro norte do México, para o sul. No decurso desse deslocamento, vitimou-me um assalto no qual entre as perdas estava o documento que comprovava minha residência temporal no país. Ainda assim, segui a viagem acreditando que munido do passaporte e de uma cópia da denúncia do assalto fosse o suficiente para transitar por território mexicano. Porém, ao contrário do que intui, fui surpreendido por agentes que, mesmo eu expondo a situação, exigiram-me o original do documento de estudante.

Por conseguinte, até que a situação de minha residência se regularizasse, estive por três dias encarcerado em uma cela com pelo menos outros 40 detentos, e mais uma semana detido na cidade de Tuxtla. Em resumo, o fato de não portar o meu documento de residente, foi o suficiente para converter-me de vítima de um assalto em presidiário suspeito de abalar a “ordem” migratória, não a do México, mas, ironicamente, a dos Estados Unidos.

Embora executadas pelos oficiais chiapenhos, em sua grande maioria mestiços ou indígenas, as abordagens realizadas em ônibus que circulam nas estradas dessa região, parecem ser motivadas por uma espécie de “racismo branco”. É curioso como uma simples seleção visual, baseada certamente em entendimentos fenóticos, determine supostas irregularidades de passageiros. Pois em geral, exigem-se documentos de pessoas que aparentam ser latino-americanas (inclusive dos próprios mexicanos); no entanto, as indispensáveis abordagens se dão aos negros (todos eles, os advindos da África, ou da América central e acredito que até mesmo os estadunidenses) e, por fim, os asiáticos. Enquanto os passageiros brancos e/ou anglo falantes se quer passam pelo constrangimento de terem seus documentos revisados⁵.

Tal observação confirmou-se no ambiente carcerário. Pois os detentos, são quase que predominantemente oriundos dos países que rivalizam com os Estados Unidos no cenário geopolítico. Contradizendo meu entendimento prévio, não são só hondurenhos, salvadorenhos, ou guatemaltecos que se arriscam em peregrinação para o outro lado do muro. Pude constatar, nos meus três dias de reclusão, que os internos são originários de países como China, Rússia, Bielorrússia, Afeganistão, além de Índia, Camarões, Haiti e a maior parte deles de países da América Central e da América do Sul (em grande medida da Venezuela).

Enfim, de todas as constatações que pude fazer, a partir de tal *experivivência*, a mais decepcionante foi detectar tamanha servidão ou vassalagem que o México (ainda que encabeçado por um presidente da esquerda) presta aos Estados Unidos. Em uma palavra, o que pauta o Instituto Nacional de Migração (de Chiapas) parece ser exclusivamente o serviço de proteger o território estadunidense dos indesejáveis que pairam sobre a linha da fronteira. Não por outro motivo, as atenções são voltadas exclusivamente para os limites que separam o México da Guatemala.

⁵ O próprio Guia do viajante para pessoas que não necessitam visto mexicano já é por si só oficialmente racista. Conste dos seguintes países: Canadá, Estados Unidos de América, Japón, el Reino Unido de la Gran Bretaña e Irlanda del Norte, cualquiera de los países que integran el Espacio Schengen, así como los países miembros de la Alianza del Pacífico (Chile Colombia y Perú). Disponibilizado na página do consulado do México:

ENTRE *SER* E *NÃO-SER*: os espaços geopolíticos e o espaço corpo

As políticas de contenção, os embargos econômicos e, sobretudo, os aparatos culturais funcionam como forças motrizes que põe em movimento seres humanos dos diversos mundos abortados pela modernidade. Indivíduos que, ao modo de peregrinos, obstinam-se por reverter o destino que os condicionou a habitar a *exterioridade* do sistema mundial/colonial/moderno. Lançam-se, assim, a um embate contra a única certeza produzida por esse sistema, a de que “nascer é correr um risco”. Desse modo, o que está em jogo é não se resignarem aos infortúnios de seus lugares de origem. Para tanto, burlam a lógica dualista que bifurca os destinos humanos entre *ser*, e, simplesmente, *não-ser*.

Em linhagem ocidental, desde a ontologia de Parmênides, como observa Dussel, a questão se mede nos limites espaciais: “[...] el ser es lo griego, la luz de la propia cultura griega. El ser llega hasta las fronteras de la helenidad. Más allá, más allá del horizonte, está el no-ser, el bárbaro [...]” (DUSSEL, 1996, p. 17). Resumindo o enunciado de Parmênides: o *ser* é o humano (habitante da *polis* grega), o *não-ser* não o é (está além do muro). Dussel completa seu raciocínio observando que:

Desde los pobres colonos que como Heráclito enunciaban que el ser es como el *lógos* que, como el muro, defiende la ciudad (de los bárbaros), hasta el cosmopolitismo alejandrino o romano en el que se confunde la ciudad con el cosmos; es decir, se diviniza la ciudad grecoromana y se le identifica con la naturaleza misma. La ontología termina así por afirmar que el ser, lo divino, lo político y lo eterno son "una y la misma cosa". Identidad del poder y la dominación, el centro, sobre las colonias de otras culturas, sobre los esclavos de otras razas. *El centro es; la periferia no es* [...] (DUSSEL, 1996, p. 17).

A ontologia helênica, portanto, revela-se em princípios dualistas. Nela é fundada a consciência de que o *lôcus* de origem pode determinar a superioridade de um indivíduo em detrimento de *outros*. Gesta-se, assim, o dualismo como elemento determinante de uma subjetividade que separa o *eu* superior do *outro* inferior. Desse modo, tal como se lê na última linha da passagem de Dussel, “o centro é; a periferia não é”.

Não há dúvidas que milênios depois do enunciado de Parmênides, a modernidade foi possível por esse gênero de interpretação do mundo. E não foi

senão no ventre da cristandade que essa subjetividade atravessou milênios para (re)nascer no desafortunado outubro de 1492, prolongando-se até os nossos dias⁶. Dito isso, vale esclarecer que o cristianismo do modo em que conhecemos, originou-se em Alexandria – já no primeiro século depois de Cristo – através do sincretismo entre o pensamento grego e o *cristianismo hebreu*.

Orígenes de Alexandria, discípulo dos padres gregos, foi um dos pioneiros em formular no cristianismo a ideia de alma. Até então, era impensável entre os cristãos que o ser humano pudesse ser composto de uma substância anímica. O cristianismo hebreu acreditava na ressurreição da carne (*basar*) e não na eternidade da alma. Por força das interpretações origenistas, começa a emergir no cristianismo a ideia dualista de que existe uma substância que é corpo e outra que é alma. Assim, ademais das divisões (gregas) em limites espaciais, o dualismo passa a separar a própria matéria humana.

Na premissa do teólogo alexandrino, as almas são espécies de *anjos caídos*, que precederam a existência de todos os corpos. Segundo uma passagem de Epifânio, resgatado por Dussel:

[Orígenes] dice que el alma humana pre-existe, y que las almas son ángeles y potencias superiores, que han caído en el pecado, y, a causa de esto, están prisioneras en los cuerpos; que han sido enviadas por Dios para penar una culpa, para recibir así un primer juicio. Por esto el cuerpo se llamaría prisión, porque el alma está ligada al cuerpo [...] (DUSSEL, 2012, p.88-89).

A partir dessa noção, é possível deduzir que desde os padres de Alexandria vem-se confirmando a ideia de que o corpo é um castigo, ou uma prisão da alma, o que, mais tarde, tal substância será entendida pelos escritores latinos como uma negatividade. Ademais, com os pensadores latinos, mais precisamente com Tertuliano, será instaurado o *ethos* que define os rumos do cristianismo como uma cultura de dominação: “[...] *ethos* que con el tiempo generará la llamada cultura occidental que hoy se universaliza como dominación imperial”. (DUSSEL. 2012, p. 173).

⁶ Na esteira do pensamento descolonial, compreendo a modernidade como apenas um período, o qual inaugurou-se com a colonização e se estende até os nossos dias. Para Dussel: 1492, según nuestra tesis central, es la fecha del ‘nacimiento de la Modernidad’” (DUSSEL, 1994, p. 7).

No entanto, é Santo Agostino⁷ quem lança as definitivas bases dualistas, as mesmas que culminarão no *cogito ergo sum* de Descartes. Estas bases são as que determinam o corpo como uma negatividade e a alma como a substância da salvação. Ao explicar sobre as hipóteses agostinianas, Dussel corrobora que para o padre de Hipona:

[...] o corpo é a origem do mal, e então a sexualidade é negativa e o pobre Santo Agostinho acredita que o amor sexual é o fruto do pecado original. Arruinou-nos a sexualidade por séculos e séculos, o pobre era maniqueísta na época em que escreveu [...] essas estupidezes. Não era nem semita, nem cristão, era grego quando disse isso⁸.

Com a *colonialidade*, por força de tal tradição grega assimilada ao cristianismo, o *corpo* recebeu uma identificação particular. Sua negatividade, desde então, passou a ser evidenciada pela cor da pele que o reveste. Em síntese, com base no conceito de “classificação racial”, formulado por Aníbal Quijano, a categoria de *não-ser* recaía sobre os povos originários, de peles e corpos pagãos⁹. E é assim que, nas palavras de Quijano, “Con la formación de América se establece una categoría mental nueva, la idea de ‘raza’” (QUIJANO, 2014, p. 758).

Em resumo, o processo de dominação ocidental sobre o continente denominado América se deu por tais entendimentos. Não de outra forma, as

165

⁷ Segundo Dussel, as bases do dualismo cristão foram lançadas pelos padres latinos, mais especificamente, por Santo Agostinho. Este é o mesmo dualismo que terminou por consumir-se no cogito cartesiano: “Muchos de los temas cartesianos se encuentran ya explícitamente planteados en Agustín. La naturaleza de la substancia anímica es distinta de la del cuerpo. *El cuerpo es por esencia una substancia espacial extensa*, sujeto de movimiento local. [...] en Agustín se han echado las bases, firmes bases, de todo el dualismo occidental posterior, que, sin embargo, era mucho más antiguo que Agustín en el propio pensamiento cristiano latino.

(DUSSEL, 2012, p. 180-181).

⁸ [...] el cuerpo es el origen del mal, y entonces la sexualidad es negativa y el pobre San Agustín cree que el amor sexual es el fruto del pecado original. Nos arruinó la sexualidad para siglos y siglos, el pobre era maniqueo en la etapa en que escribió [...] esas estupideces. No era ni semita ni cristiano, era griego cuando dijo eso.

14 Tesis de Ética Desarrollo de la Ética de la Liberación - Dr. Enrique Dussel

⁹ “Con la formación de América se establece una categoría mental nueva, la idea de ‘raza’”

(QUIJANO, 2014, p. 758).

atrocidades que pariram a modernidade, foram justificadas pelo entendimento cristão/dualista calcado nessa mesma noção de corpo e de alma. Portanto, para os colonizadores, o que atribuía características humanas ao indivíduo, elevando-o à categoria de *ser*, era a substância anímica, ou seja, somente eram considerados humanos aqueles que possuem alma. Por consequência, o *não-ser* (não humano) fora interpretado como um corpo desalmado, por isso, passível de dominação.

GEOPOLÍTICA e racismo

Como se lê na epígrafe que abre este texto, “Se trata entonces de tomar en serio al espacio, al espacio geopolítico” e acrescento que também o racismo. Dois fenômenos ocidentais intimamente ligados pela cultura de dominação. Em outras palavras, a geopolítica é alimentada por entendimentos racistas. É dessa forma que o mundo forjado sob as rédeas da áurea fase Moderna, retoma, da origem ontológica de Parmênides, a lógica do dualismo espacial. Em idos da “suposta Revolução Industrial”¹⁰, ademais da noção de raça, reconfigura-se uma interpretação que bifurcou por definitivo os destinos humanos entre um centro branco, pensante (ao modo cartesiano) e industrializado; e as periferias incapazes de avançar nos setores tecnológicos por não possuírem (agora ao invés de alma) destreza cognitiva, tudo determinado por aquilo que Hobson chamou de “racismo implícito”¹¹.

Assim, a partir da Revolução Industrial britânica, começou a se desenhar uma nova cartografia com pretensões “universalizantes”. Mais exatamente, quando foram definidos como centro os países industrializados do norte europeu,

¹⁰ Refiro-me como “suposta Revolução Industrial, porque segundo John Hobson, na esteira de Joseph Needham, a Revolução Industrial não aconteceu na Inglaterra, mas sim, na China, pelo menos 600 anos antes. Para o autor: [...] lo único que hizo Europa fue acortar distancias respecto a las potencias orientales más adelantadas. Esta labor se vio facilitada al mismo tiempo por la apropiación imperial del oro y la plata “no europeos” y la asimilación de las “carteras de recursos” orientales (HOBSON. 2006, p. 258).

¹¹ Na perspectiva de John Hobson: “[...] el racismo implícito fue construido durante el siglo XVIII y la primera mitad del XIX. [...] el racismo implícito sitúa la “diferencia” en criterios culturales, institucionales y ambientales [...] encama en gran medida una relación de poder racista que comprende la superioridad de Occidente [...] (HOBSON, 2006, p.295).

uma definição que ignorou por completo a industrialização chinesa. Sob tal perspectiva e mergulhado em orgulho eurocêntrico, Cornelius de Pow chegou a cogitar que os países abaixo dos Pirineus fazem parte da África. O que Dussel, séculos depois, questiona: se Espanha [e Portugal] são parte da África o que seria a América Latina? (DUSSEL, 2007, 324). Para responder o próprio autor argumenta em outro texto que: “[a] América Latina simplesmente ‘desapareceu do mapa e da história’ até hoje [...]” (DUSSEL, 2015, p. 12). Redundando-se, assim, em atraso e subdesenvolvimento produzidos pelas mencionadas definições geopolíticas.

Nessa linha, o pesquisador boliviano Rafael Bautista, contextualiza da seguinte forma:

[...] no es la discriminación fenotípica del diferente sino la *anulación absoluta de la humanidad del otro* (en primer lugar el indio). Sólo a partir de aquello es posible concebir la primera dicotomía [dualismo] del mundo moderno: superior-inferior. El primero se llamará civilizado, mientras que el segundo será el bárbaro; éste será siempre la imagen del atraso mientras aquél dará origen al mundo desarrollado, descargando en la *periferia* las consecuencias del afán ilimitado del mito del “progreso infinito”. El subdesarrollo será la nueva especificación de un mundo atravesado por relaciones dicotómicas [o dualistas]. No hay desarrollo sin subdesarrollo, del mismo modo que no hay superior sin inferior. En ese sentido, la modernidad no es sólo una época sino un proyecto de dominación global de un *centro único* que constituye al mundo entero en *su periferia* (BAUTISTA, 2019, p.56).

167

Portanto, como afirma Bautista, o desenvolvimento (do centro) só é possível com o subdesenvolvimento do *outro*. Ou melhor, para que o centro se desenvolva é necessário submeter o outro das dimensões periféricas as privações de seus próprios recursos. Assim, para que o centro prospere é necessária alguma forma de destruição do outro da exterioridade.

Ainda nessa linha de discussão, Arrighi lança mão da metáfora de “desenvolvimento do subdesenvolvimento” utilizada por André Gunder Frank:

[...] Esta [metáfora], afirmava [Frank], nada mais era que a expressão do processo de expansão capitalista global, que gerava desenvolvimento (riqueza) em seus pontos centrais (Europa ocidental e, mais tarde, América do Norte e Japão) e ao mesmo tempo subdesenvolvimento (pobreza) no resto do mundo. O processo foi apresentado com base numa série de relações metrópole-satélite, nas quais a metrópole se apropria do excedente econômico dos satélites para seu próprio desenvolvimento, ao passo que os ‘satélites permanecem subdesenvolvidos por falta de acesso a seu próprio excedente e em consequência da mesma polarização e das condições exploradoras que a metrópole *impõe e mantém* na estrutura interna do satélite’. Os mecanismos de apropriação e expropriação do excedente variam no tempo e no espaço; mas a estrutura de metrópole e satélite ou centro e periferia do

processo de expansão capitalista continuou valendo, sempre polarizando, em vez de equalizar, a riqueza e a pobreza das nações (ARRIGHI, 2008, p.37).

Traduzindo este mecanismo, não é difícil compreendermos que o dualismo foi levado às últimas consequências. Pois para chegar à perversidade de se lançar à miséria grande parte da humanidade, só mesmo movido por um sentimento racista e de dominação. No entanto, não é senão dessa forma que se dão as estratégias geopolíticas.

A interpretação espaço-dualista, ajustou-se cada vez mais em unipolaridade, após a Segunda Guerra (dita) Mundial, com pretensão de domínio de um centro único e absoluto em detrimento do resto do mundo. Por força de um golpe estratégico, os Estados Unidos entram na Segunda Guerra em momento derradeiro, para colher os benefícios a seu favor; justamente, quando os países envolvidos no conflito estavam enfraquecidos¹². E foi também por estratégia que Japão e Alemanha ascenderam ao lado dos Estados Unidos alguns anos após o término da Guerra, consolidando como potências capitalistas durante toda a guerra fria. O primeiro para fazer frente a China e o país europeu à União Soviética¹³. Desenha-se assim toda a nova cartografia geopolítica e seus espaços privilegiados. Desse modo, na nova configuração ontológica: o Norte é e o Sul global não é.

Giovani Arrighi afirma que o determinante do desenvolvimento dos países ocidentais é a “indústria de guerra”. No entanto, entendo que antes da indústria armamentista, existe um dualismo arraigado ao espírito ocidental que é, por sua natureza, destrutivo. Ou seja, na consciência ocidental/moderna, para o desenvolvimento próprio é necessária a subjugação e/ou destruição do *outro*, ou mesmo de qualquer forma de vida que seja supostamente inferior à de um *ser* ontológico, como é possível constatar, também, no caso da exploração ilimitada dos recursos naturais. Portanto, a ideia de civilização que nos venderam como um paradigma de virtude a ser alcançado é, nas palavras de Grosfoguel, a de uma “civilização de morte”.

É ilustrativo para essa discussão o posicionamento da China. O país oriental foi o mais poderoso do mundo entre os anos 1100 e 1800, mas isso não fez com que os chineses subjugassem outros povos. Em outras palavras, os chineses, ainda que as condições os favorecessem, jamais exerceram qualquer forma de domínio que pudesse lembrar os imperialismos do modo em que foram cruelmente executados pelos países ibéricos, britânico e, por fim, estadunidense. Pois faltavam-lhes (aos chineses) o princípio dualista, elemento fundamental da dominação, o qual conforma a subjetividade racista da

¹² “[...] os Estados Unidos só entraram no teatro europeu na fase final e determinante da Segunda Guerra Mundial [...]” (MCCORMICK Apud ARRIGHI, 2008, p.257).

¹³ Essa perspectiva pode ser confirmada na seguinte passagem de Arrighi: [...], a interação norte-americana com a Alemanha e o Japão durante todo o longo boom estava totalmente inserida nas relações entre Estados Unidos, União Soviética e China definidas pela Guerra Fria, e por elas dominada. [...] (ARRIGHI, 2008, p.142).

crisandade. Nas palavras de Hobson: “Embora a China tenha sido a principal potência durante a maior parte do segundo milênio, sua identidade [subjatividade] a levou a preferir renunciar ao imperialismo” (HOBSON, 2006, p. 405). Em resumo, “não existe uma relação intrínseca entre o imperialismo e o poder material superior [a indústria da guerra, como afirma Arrighi], pois o que em última análise tornou a Europa [e os Estados Unidos] imperialista, ao contrário da China, foi a sua identidade [subjatividade] específica” (HOBSON, 2006, p. 406).

No entanto, embora a destruição seja recurso indispensável em estratégias geopolíticas, nem sempre ela se deu pelas efetivas vias de fato. Depois de a potência imperialista do mundo perder quase todas as guerras efetivamente disputadas, a credibilidade em seu poder de fogo fora também abalada. Tal “crise sinalizadora” (como conceitua Arrighi) começou pelo Vietnã, pois: “A Guerra do Vietnã mostrou que a proteção norte-americana não era tão confiável quanto os Estados Unidos afirmavam e seus clientes esperavam”. Arrighi ainda afirma que:

Na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais, os Estados Unidos tornaram-se ricos e poderosos porque deixaram que outros países travassem a maior parte dos combates reais; porque forneceram a eles crédito, alimentos e armas; porque os viram se aniquilar uns aos outros financeira e militarmente; e porque intervieram no fim da luta para garantir o resultado favorável ao seu interesse nacional (ARRIGHI, 2008, p.265).

Entretanto, a crucial derrota dos Estados Unidos deu-se em solo iraquiano. Para Arrighi, acima de todos os interesses que estavam em jogo, a invasão do Iraque foi uma tentativa (falha) de superar a “síndrome do Vietnã”. Nas palavras do autor:

No Iraque, assim como no Vietnã, a crescente dificuldade dos Estados Unidos para superar a resistência de um adversário militar comparativamente insignificante comprometeu a credibilidade do poderio norte-americano no mundo em geral. Mais precisamente porque o Iraque não é o Vietnã, afirmo que o fracasso no Iraque constitui ameaça muito mais grave para o poderio norte-americano do que o fracasso no Vietnã (ARRIGHI, 2008, p.188).

Desde então, fundaram-se novas estratégias de intervenções, as quais não comprometeriam (em grandes quantidades) a economia e as forças armadas estadunidense. Um exemplo, é a que assistimos hoje, referente à manobra que os Estados Unidos exercem na tentativa de conter a Rússia através da Ucrânia. Arrighi, em 2008, já analisava esse gênero de articulação norte-americana, qualificando-a com o termo latino *Tertius gaudens*. Em nota de rodapé, o autor clarifica sobre o termo: “o ditado latino é: *‘Inter duos litigantes, tertius gaudens’*: entre dois litigantes, o terceiro se

alegra, ou seja, quando dois brigam um terceiro tira proveito” (ARRIGHI, 2008, p. 305). Assim, os Estados Unidos mobilizam a Ucrânia (cuja soberania se reduz aos interesses norte-americanos) a incitar o conflito com a Rússia. Dessa maneira, o país norte-americano “tira proveito” em vários sentidos: primeiro por não enviar tropas para as linhas de combate; depois por vender armamentos, mas, sobretudo, desgasta economicamente os países envolvidos e termina pela tentativa de conter o comércio da Rússia com a Europa. Em especial, no que diz respeito ao gás que é vendido à preço muito menor pelos russos em comparação ao custo do mesmo produto estadunidense.

Outras estratégias de destruição econômica (ou contenção política), ainda que não necessariamente se faça uso da força bélica, estão relacionadas aos golpes brandos (ou a manipulação da opinião pública). A esse respeito, Bautista traz as seguintes informações:

Mediante operaciones psicológicas o “PsyOps” (que el Pentágono define de este modo: “operaciones planificadas para influir en el comportamiento de la opinión pública y gobiernos extranjeros, con el fin de inducir o fortalecer actitudes favorables a los objetivos predeterminados”), se va generando un ambiente de conflictividad y caos en la sociedad y en el Estado. Este ambiente lo generan operadores políticos no convencionales y tienen, como cuartel de operaciones, a los medios de comunicación; siendo estos los que producen, en la opinión pública, la legitimación virtual de un “golpe” que ya no es *golpe*, sino una vuelta a la normalidad. Se trata del *golpe de Estado* perfecto. Porque no golpea sólo la democracia sino la conciencia social. Cuando ya nadie ve, en aquello, un golpe, es porque el golpe ha logrado asaltar nuestra propia percepción de los hechos. (BAUTISTA, 2019, p,113).

Um dos mais exemplares nesse sentido foi o caso do Brasil, um golpe que muitos analistas julgam ainda estar em curso. Contudo, este começa a ser articulado pela CIA e executado pelos aparatos midiáticos brasileiros, mirando a destituição da presidenta Dilma Rousseff:

En Brasil esto se hace evidente cuando las imputaciones a Dilma Rousseff, son promovidas y amplificadas por uno de los poderes mediáticos más impresionantes de Sudamérica. O’Globo del Brasil se constituye, en este caso, en el operador político del “golpe suave”, generando el contexto social para la recuperación institucional de un sistema democrático funcionalizado por la hegemonía del dólar (BAUTISTA, 2019, p,112-113).

A manipulação da opinião pública vem sendo o arsenal (do golpe perfeito) mais eficaz dos últimos tempos, utilizado, em especial, na América do Sul. Bautista, arrebatada dizendo que: [...] un “golpe suave” no rompe el orden democrático sino simplemente *lo disciplina* en torno a las prerrogativas de las elites, que no son sino las prerrogativas del dólar y la hegemonía norteamericana (BAUTISTA, 2019, p,115).

Estes ilustram alguns exemplos (ademais de outros tão graves quanto, como os ocorridos na Bolívia, em 2019, e o que está em curso na Venezuela) de como se opera a geopolítica, a qual trilha sempre o caminho da destruição. Contudo, o que alimenta tal perversidade é, como já apontado, a compreensão dualista que o

ocidente tem do mundo, ou seja, a compreensão de um *eu* sobrepondo-se ao *outro*. Por isso, como propõe Bautista nas páginas derradeiras de sua obra, é necessário: tematizar las posibilidades de una *descolonización de la geopolítica*, para proponer ya no sólo una geopolítica crítica sino lo que estamos denominando: una *geopolítica de la Liberación* (BAUTISTA, 2019, p,422).

CONSIDERAÇÕES finais

Para que se efetive a descolonização da geopolítica, como propõe Bautista, é necessário o dismantelamento de seu componente racista, ou seja, o racismo não deve ser encarado apenas como um problema nacional, como se discute no Brasil, mas sim, como o pano de fundo e principal propulsor da geopolítica. É habitual ouvirmos que: “chegamos ao século XXI e ainda temos que lidar com o racismo”, tal colocação é problemática porque o racismo não é uma questão que possa se esvaír com o tempo, mas sim, é uma questão de ordem subjetiva.

Para um melhor entendimento é necessário voltarmos as origens desse mal. Em suma, o que motiva os agentes indígenas da fronteira sul do México é o mesmo elemento que motiva, por exemplo, um presidente negro como Barack Obama¹⁴ a se dispor em executar serviços racistas que contemplam os brancos. Ou seja, em ambos os casos, o que os movem não é senão uma subjetividade cristã que vem nos arraigando e promovendo percepções classificatórias no decorrer dos mais de quinhentos anos. O que eu quero dizer é que não importa se estamos nos referindo a um indígena ou a um negro, o racismo sempre será exercido conforme nos condicionou a subjetividade dualista, ou seja, em favor do branco.

Por isso, é indispensável que haja debates acerca do racismo partindo dos entendimentos cristãos, como os que foram tratados acima (do corpo e da alma, ademais da moralidade). É preciso levar em consideração, acima de tudo, que a única religião que toma a cor da pele como um determinante (para confirmar que em meio ao cristianismo tudo é uma questão de pele, basta entrarmos em qualquer

¹⁴ Mediante um discurso de Obama na assembleia da ONU em 2009, Evo Morales nao consegue “entender cómo una persona como Obama, que había sido excluida al igual que él, no comprendía la realidad boliviana de la exclusión y, por el contrario, estaba en proceso de dar continuidad a la política de George Bush, que suspende las preferencias arancelarias de los productos de exportación bolivianos (GOMEZ, 2010, p. 10).

templo cristão do mundo), ou seja, a única religião que intenciona uma “classificação” humana a partir daquilo que se denominou “raça” é a cristandade. E aqui estamos diante de um grande dilema, o de que sempre foi preferível abdicar profundas discussões sobre o racismo porque em algum momento lá no fundo, vamos nos depararmos com o âmbito do sagrado. Para ilustrar o tema, não é demais lembrar que o país sede do catolicismo moderno (Itália), e o país berço do luteranismo (Alemanha), ou seja, os mais importantes territórios da cristandade moderna, foram os que produziram o fascismo e o nazismo respectivamente. Contudo, vale afirmar que quaisquer críticas que faço ao cristianismo são críticas desde uma interioridade, ou seja, as faço como um cristão.

Para concluir, o resumo do racismo e da geopolítica que pude presenciar em meus dias de cárcere em Chiapas, são os resultados das dualistas articulações norte-americanas pautadas acima. Sobretudo, da manipulação da opinião pública. Nesse sentido, escandalizou-me ver um jovem venezuelano envolto, em gesto de comemoração ao sermos liberados dos dias de confinamento, a uma bandeira dos EUA, como se ao invés de alagoes, os Estados Unidos se projetassem no horizonte como a única salvação para o pobre venezuelano. Intrigou-me também constatar que jovens da próspera China, arriscam-se em direção ao outro lado do muro, em busca, talvez, do famigerado sonho americano. Por fim, embora nascer seja correr um risco, a solução está longe de, em algum momento, evadir de seu espaço de origem.

172

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL, 2008.

BAUTISTA, Rafael. *EL TABLERO DEL SIGLO XXI: Geopolítica des-colonial de un nuevo orden post-occidental*. La Paz: el taller de la descolonización, 2019.

DUSSEL, Enrique. 14 Tesis de Ética Desarrollo de la Ética de la Liberación - Dr. Enrique Dussel. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dni4elVG5TA>. Acesso em 24/09/2020.

_____. *El dualismo en la antropología de la cristiandad: desde el origen del cristianismo hasta antes de la conquista de América*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1974.

_____. *Filosofía de la liberación*. Bogotá: Nueva América, 1996.

_____. *Política de la liberación: historia y crítica*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

GOMEZ, Pedro Pablo. La paradoja del fin del colonialismo y la permanencia de la colonialidad. *Calle14: revista de investigación en el campo del arte*. vol. 4, núm. 4, enero-junio, 2010, pp. 26-38 Universidad Distrital Francisco José de Caldas Bogotá, Colombia

HOBSON, John. *Los Orígenes Orientales de la Civilización de Occidente*. Barcelona: EDITORIAL CRÍTICA, S.L., 2006.

QUIJANO, Aníbal. “Raza”, “etnia” y “nación” en Mariátegui. In: *Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires : CLACSO, 2014.

Leitura Crítica Recebida em 29 de outubro de 2021.

Leitura Crítica Aceita em 05 de janeiro de 2022.